

A CRISE DA CRISE: A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA SOCIEDADE CAPITALISTA

*THE CRISIS OF THE CRISIS: THE
CORONAVIRUS PANDEMIC IN
CAPITALIST SOCIETY*

Letícia Lima de Souza 1
Maria Valéria Barbosa 2

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela **1**
Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Mestre em
Sociologia pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Marília.
Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” – Campus Marília.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7948103413887371>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1154-433X>
E-mail: l235693@dac.unicamp.br

Professora Assistente Doutora da Universidade Estadual Paulista **2**
“Júlio de Mesquita Filho” – Campus Marília. Doutora em Ciências Sociais pela
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Marília. Mestre em
Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Graduada
em Ciências Sociais pela Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus
Marília.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1046446044110692>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9142-2131>
E-mail: valeria.barbosa@unesp.br

Introdução

O presente texto discute os principais apontamentos de Boaventura de Sousa Santos, em sua mais recente obra intitulada *“A cruel pedagogia do vírus”*, lançada em Portugal pela editora Aldina e no Brasil na coleção *Pandemia Capital*, pela editora Boitempo. O vírus citado no título do livro é a cepa de coronavírus – causadora da Covid-19 – nunca antes identificada em seres humanos. O primeiro alerta relacionado a sua transmissibilidade ocorre em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, província de Hubei, localizada na República Popular da China. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), em fevereiro de 2020, o vírus é nomeado por Sars-CoV-2, após a declaração do surto da doença. Em março de 2020, é caracterizado como pandemia pela OMS, uma vez que ultrapassou as distâncias geográficas e gerou focos de gravidade em várias partes do mundo.

A partir do contexto inicial da pandemia da Covid-19, a obra reflete sobre os desdobramentos da crise sanitária, política e social deste acontecimento que já modificou os rumos do século XXI. Os apontamentos do autor desvelam o impacto da pandemia para os grupos marginalizados na sociedade capitalista. Estes grupos compõem o que Boaventura define como Sul. Mais do que um espaço geográfico, o Sul trata-se de um espaço-tempo político, cultural e social. Representa, portanto, a metáfora das mazelas sofridas pelos seres humanos em decorrência da exploração capitalista e das discriminações. Os grupos sociais em questão na obra são: as mulheres; os trabalhadores informais e autônomos; os trabalhadores da rua (ambulantes); pessoas em situação de rua; moradores das periferias; refugiados e imigrantes; pessoas com deficiência e pessoas idosas.

As principais medidas de proteção à covid-19 são o uso de máscaras e o isolamento social. A noção de isolamento atribuída a esta medida sanitária diz respeito à permanência dos indivíduos em seus ambientes domésticos, tomando distância - preferencialmente total - dos espaços de interações sociais. Contudo, as desigualdades do mundo capitalista deturpam esta medida sanitária, sobretudo quando muitos indivíduos precisam estar ativamente interagindo e ocupando os espaços para a manutenção de sua sobrevivência. Os grupos subalternizados citados por Boaventura compõem a parcela populacional que estiveram e ainda estão vulneráveis ao vírus. Essa vulnerabilidade na crise sanitária é um reflexo da organização social desigual, pautada no fator econômico, que impossibilita o acesso pleno a direitos sociais básicos. (FRANCO; SOARES, 2020).

Dessa forma, a cruel pedagogia do vírus ensina aos indivíduos não somente lições advindas da patologia viral, mas também a refletir sobre as condições de vida do presente, para que seja possível compreender o passado e descortinar o futuro. O livro divide-se em cinco capítulos, a saber: 1) Vírus: tudo que é sólido desmancha no ar; 2) A trágica transparência do vírus; 3) A sul da quarentena; 4) A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições; 5) O futuro pode começar hoje.

Projeções em capítulos: o percurso da pandemia da Covid-19

O capítulo 1 introduz uma reflexão epistemológica acerca dos desdobramentos de determinados contextos sobre os saberes de uma sociedade, sobretudo às Ciências Sociais. No paradigma do funcionamento das instituições referente à “normalidade” e a “excepcionalidade” das situações, surge a questão: quais conhecimentos podem decorrer da pandemia do coronavírus? Em busca de possíveis delineamentos de resposta a esta questão, o autor discorre sobre seis tópicos: a) a normalidade da exceção; b) a elasticidade social; c) a fragilidade do humano; d) os fins não justificam os meios; e) a guerra de que é feita a paz; e f) a sociologia das ausências. Considera-se estas teses como o fio condutor do desenvolvimento da reflexão do livro, sendo relevante aprofundar a exposição dos mesmos.

Em *“A normalidade da exceção”*, apresenta-se o argumento central do livro, do qual considera que o atual contexto pandêmico não é em si uma crise em contraposição às situações de normalidade. Na verdade, para Boaventura, o mundo vivencia permanente estado de crise desde a implementação das políticas neoliberais na década de 1980. Contudo, como é possível uma crise ser um estado permanente, quando sua natureza aponta um aspecto excepcional e

passageiro? A crise permanente é, sobretudo, um quebra-cabeça do qual não deve ser resolvido. A sua falta de resolução justifica quaisquer medidas, tal qual a estratosférica concentração de riqueza, corte em políticas sociais ou boicotes a medidas de regulamentações ambientais. Assim sendo, o autor reforça sua ideia central: a pandemia do coronavírus vem desvelar e agravar uma situação de crise já posta à população mundial.

Esta condição pandêmica afeta profundamente os modos de vida – sobretudo dos grupos dominantes – ao que tange o trabalho, consumo, relações, lazer e concepções subjetivas, inclusive, a ideia da morte. Estes constructos sociais, cristalizados ao longo da história da humanidade, foram vilipendiados em questões de meses, como indica o tópico “A elasticidade social”. O permanente estado de crise ocasionado pelo neoliberalismo tem menos impacto àquelas classes financeiramente abastadas, uma vez que possuem condições de vivenciar certo sentimento de segurança por meio da contratação de serviços e recursos privados de saúde, educacionais, entre outros.

O surgimento do vírus abala este sentimento de segurança entre os mais favorecidos, por mais que a contaminação viral seja mais suscetível entre os indivíduos que estão na outra margem da sociedade, como aponta o tópico “A fragilidade do humano”. Todavia, o autor indica que o contexto global da pandemia faz com que se desenvolva uma consciência de comunhão que, em alguma medida, é também uma consciência democrática. Esta solidariedade, que se manifesta no ato do distanciamento social, pode abrir caminhos para que imaginemos outras formas de viver em sociedade.

A comunhão em isolamento social afetou, também, o ambiente do planeta, como demonstra o tópico “Os fins não justificam os meios”. O arrefecimento da atividade econômica demonstrou melhorias na qualidade do ar em alguns locais, o que leva Boaventura a questionar: seria a destruição da vida humana a única alternativa para evitar a iminente catástrofe ecológica que está por vir?

É questionado, também, se a humanidade perdeu sua capacidade política e imaginação preventiva, que o autor segue em suas reflexões. Quanto a isso, destaca-se a importância dos sistemas democráticos no enfrentamento das emergências, pois as democracias são os espaços de livre circulação de informação. Dessa forma, o autor exemplifica que os sistemas democráticos não necessitam do uso de capacidade política, manifestada em controle e repressão, para a resposta às emergências, como ocorreu na China. Tendo em vista o avanço das *fake news*, Boaventura assinala que medidas democráticas voltadas à esfera participativa do sistema – a nível de bairros e comunidades – assim como para a educação orientada para a cooperação e solidariedade, são caminhos a serem percorridos.

Em “A guerra de que é feita a paz”, o autor expõe o modo como a narrativa da pandemia fora construída na imprensa ocidental. Seja por questões culturais como hábitos alimentares, ou por teorias conspiratórias de dominação mundial chinesa, a irresponsabilidade dos canais midiáticos – inclusive, as redes sociais e a massificação de *fake news* – quanto à propagação de notícias sobre a origem da doença acabam por encobrir outra questão: o conflito político, ideológico e econômico entre os Estados Unidos e a China.

No tópico “A sociologia das ausências”, o autor suscita a questão da comoção mundial provocada pela pandemia, quando muitas assimetrias sociais já estavam postas. Pode-se questionar: como seguir protocolos de higienização e prevenção nos campos de internamento de refugiados e imigrantes ao redor do globo? Como famílias que vivem em situações de vulnerabilidade social manterão o distanciamento social? Estas e outras questões da desigualdade se intensificam e estão cada vez mais perto de nós, como alerta Boaventura.

No capítulo 2, a discussão inicial aborda os rumos da política frente à necessidade dos cidadãos. A função mediadora da política em relação às necessidades, ideologias e anseios dos cidadãos vai se esvaindo, pois, o principal compromisso da política direciona-se ao mercado. Segundo o autor, o mercado é um monstruoso e invisível cidadão que só tem direitos e nenhum dever. A partir de analogias sobre o vírus e o capitalismo, desenvolve-se a ideia de que a pandemia é uma alegoria ao representar o medo caótico generalizado e o temor à morte sem fronteiras, causada por um inimigo invisível. Todavia, sua representação vai além da literalidade pandêmica, pois representa a condição de risco e fragilidade da humanidade. Portanto, a

condição de risco da humanidade manifesta-se pelos todo-poderosos, sejam estes ameaças biológicas ou o desenfreado desenvolvimento capitalista.

Para concluir as analogias entre os fatores de riscos aos seres humanos, Boaventura resalta que a invisibilidade dos todo-poderosos é inculcada no senso comum. Assim, é explorada a figura mitológica do unicórnio para simbolizar a dominação do colonialismo, patriarcado e capitalismo. Em essência, o ser mítico é invisível, tal como a confluência destes três modos de dominação na realidade social. Contudo, os efeitos e os atos concretos dos três unicórnios de Boaventura estão enraizados em nossa sociedade e se sobressaem.

No Brasil, a violência doméstica se intensifica durante o isolamento social. Dados da pesquisa Sem Parar (SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, 2020) apontam que 8,4% das mulheres afirmam ter sofrido alguma forma de violência. O confinamento concentra no ambiente doméstico a incidência e o ciclo da violência, como inibe possibilidade de acesso aos canais de denúncia, acolhimento e proteção.

No capítulo 3, o autor classifica a quarentena como discriminatória, pois há um vasto grupo denominado “cuidadores” que não podem se autoisolar, para que seja possível o protocolo para a grande maioria da população. Este grupo é majoritariamente composto por mulheres, consideradas historicamente como cuidadoras na esfera pública e privada da vida social. Segundo dados do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS, 2020), as mulheres compõem cerca de 65% dos trabalhadores da saúde em linha de frente na pandemia da covid-19. Ademais, a sobrecarga da vida particular também é uma problemática, uma vez que o confinamento familiar dilatou a organização do cuidado à responsabilidade exclusiva das mulheres: em torno de 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém na pandemia (SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, 2020).

Quanto à informalidade no trabalho, o autor ressalta a precariedade dessa condição como predominância nas políticas neoliberais. Destaca-se também os trabalhadores da rua, como vendedores ambulantes que dependem exclusivamente da rua e dos fluxos de pessoas destes espaços. Sendo assim, estes indivíduos dependem do seu trabalho diário para viver o dia-a-dia. Se não trabalham, não conseguem se alimentar. Há também os trabalhadores “uberizados”¹, entregadores de delivery de alimentos e encomendas que garantem a quarentena de muitos. Cardoso e Peres (2020) indicam que somente no Brasil, cerca de 35 milhões de trabalhadores informais foram afetados gravemente pela pandemia. Diante dessa realidade, Boaventura questiona como poderão estas pessoas se auto isolar, segundo as recomendações da Organização Mundial da Saúde?

Como as recomendações de “ficar em casa” podem ser atendidas pelas populações em situação de rua, das quais não usufruem de um espaço digno de moradia? E os moradores das periferias, que não possuem habitação adequada – ausência de infraestruturas como eletricidade, saneamento básico e serviços públicos – e que, por mais que habitem a cidade, não têm direito à mesma? Os indivíduos destes grupos vivem em uma permanente quarentena, cerceados da cidadania e condições dignas de vida. Os refugiados e imigrantes que se encontram em campos de internamento, assim como populações deslocadas internamente, também, vivem aglomerados em condições degradantes. Distintamente do autoisolamento, Boaventura assinala que estes estão inseridos em um permanente hétero-isolamento imposto pelo Estado.

A discriminação e as limitações impostas pela sociedade às pessoas com deficiência também são uma quarentena permanente, expressa pela forma de dominação capacitista. O confinamento e o acesso precário aos seus direitos fazem parte da realidade dessas pessoas e a quarentena, imposta pela pandemia, pode acentuar essa questão. O último grupo vulnerável citado pelo autor são as pessoas idosas, dos quais podem ser considerados como o contingente mais vulnerável. Inicialmente, questiona-se o que é ser idoso? Em uma mesma sociedade, tendo em vista as diferenças de classes, há diferentes expectativas de vida e, portanto, diferen-

1 O termo uberização ou trabalho uberizado toma dimensão a partir da obra “Uberização, trabalho digital e indústria 4.0”, organizada por Ricardo Antunes e publicada em 2020 pela editora Boitempo. É derivado do nome da empresa de transportes por aplicativos Uber. Diz respeito às relações de trabalho permeadas pela instabilidade neoliberal, a reestruturação produtiva e tecnologia informacional digital – os trabalhadores são submetidos e explorados por plataformas de grandes corporações.

tes configurações de velhice e acesso aos direitos básicos.

O capítulo 4 reúne as primeiras lições que a pedagogia do vírus demonstra. A primeira diz respeito à seletividade de tratamento dos poderes políticos e midiáticos quanto às crises. A crise sanitária instaurada ilustra uma crise grave e aguda, mas, o desenvolvimento capitalista já representava uma crise relativamente mais lenta. E ainda, esta exploração capitalista tende a violar fatalmente o lugar dos seres humanos no planeta e as respostas da natureza serão punitivas em diversos formatos, incluindo as pandemias.

A segunda e terceira lição, demonstram como o enfrentamento ao vírus é um dispare em relação às diferenças econômicas, sociais e culturais. Grande parte da população mundial não possui condições e recursos adequados à prevenção e combate ao vírus, pois subsistem frente a ambientes extremamente poluídos, condições precárias de trabalho, ausência de saneamento básico e fome. Tendo isto em vista, o autor considera que o capitalismo, em sua forma neoliberal, não tem futuro como um modelo social. Desde que o capital financeiro especulativo se tornou central na lógica econômica, o subfinanciamento do aspecto social do Estado é latente. A partir disso, na crise humanitária global do coronavírus, os serviços de saúde não obtiveram a resposta imediata necessária.

A quarta lição apresenta a influência do expoente movimento político da extrema-direita, na maneira como os países reagiram de forma falha ao coronavírus. A desinformação e o descrédito à comunidade científica trouxeram malefícios irreparáveis ao curso pandêmico, principalmente países como os Estados Unidos e Brasil. O pretexto de salvar a economia expôs muitas pessoas de forma irresponsável ao vírus e para Boaventura, estes governos devem ser penalizados. O enfrentamento à pandemia das políticas de extrema direita demonstra que as mortes de centenas de milhares de pessoas à margem da sociedade não é uma preocupação – na realidade, seria uma dose benéfica de darwinismo social.

A quinta lição expõe a realidade das crises: só se tornam dignas de atenção quando atingem os países mais ricos do Norte global. Nesse sentido, o colonialismo e patriarcado despontam em momentos de crise aguda, haja visto outras pandemias da história recente, como a AIDS, ebola e malária. Os corpos racializados são mais vulneráveis aos surtos pandêmicos, não somente por estarem expostos às maiores condições de precarização, mas, principalmente, porque as políticas de prevenção e contenção não são universais. Há seletividade, da qual garante a sobrevivência daqueles corpos mais socialmente valorizados e essenciais à economia.

À guisa de conclusão, o capítulo 5 arremata as reflexões, demonstrando que a pandemia pode revelar alternativas para o bem viver da humanidade. Contudo, por mais que não faltem ideias, elas serão transformadas em ação política, no sentido de se concretizarem? Esta previsão só poderia ser validada se a cidadania organizada tomar frente da separação entre processos políticos e civilizatórios – ou seja, se a crença do Norte global nas ausências de alternativas ao capitalismo for combatida. Boaventura acredita que isso não ocorrerá, pois, a curto prazo, as pessoas estarão comprometidas em buscar os resquícios da vida pré-coronavírus, ao fim da pandemia.

As desigualdades se sobressairão no processo de constituição do “novo normal”. Quando serão retomados os empregos, os atrasos na educação e nas carreiras? A vida será prioridade na retomada econômica? A priori, é preciso desvelar aos indivíduos que uma parcela da população global vive em quarentena neste atual sistema. Sendo assim, a quarentena pela pandemia acontece dentro da quarentena capitalista. Boaventura indica a superação da quarentena do capitalismo neoliberal como uma alternativa a humanidade.

A partir desta constatação, será necessário estabelecer uma nova articulação entre os processos políticos e civilizatórios. Deve-se embasar numa reviravolta epistemológica, cultural e ideológica que priorize o desenvolvimento e manutenção da vida humana digna no planeta Terra. A partir disso, o autor acredita que será possível habituar a humanidade a duas premissas: os seres humanos são uma minúscula fração da vida existente do planeta e estar em defesa da vida do planeta é condição para a continuidade da vida humana.

Considerações Finais

A obra inaugura o debate nas Ciências Sociais sobre os potenciais efeitos da pandemia da Covid-19 no mundo. Boaventura não deixa dúvidas ao demonstrar que o impacto desta pandemia desvela o ápice da crise civilizatória no seio do capitalismo neoliberal. A crise se intensifica e segue seu curso quanto à supressão de acesso a direitos básicos para determinados grupos vulnerabilizados.

O autor reforça a importância da mudança do modo de vida e pensar para abrir horizontes a novas alternativas. Contudo, a educação não é apontada enquanto uma via de transformação. Observou-se também que a reflexão sobre o andamento das políticas educacionais no contexto neoliberal e suas possibilidades na pandemia se fez ausente. Esta questão deve ter sido subtraída do debate devido à limitação da obra, desenvolvida em meio ao caótico contexto da pandemia que só estava em seu início, mesmo que já tivesse assolado países europeus e asiáticos².

As projeções do livro vão de encontro à trajetória pandêmica no Brasil, da qual conta com episódios devastadores. Até 25 novembro de 2021, o país contabilizou 613.697 óbitos e mais de 22 milhões de casos da doença. A contabilização do impacto do contágio do vírus só é possível devido ao consórcio de veículos de imprensa com dados de secretarias estaduais de Saúde, uma vez que houve represamento de casos e constantes modificações no sistema de notificações do governo federal. A batalha contra o vírus ainda acontece também no campo das ideias. Em meados de 2020, haviam cidadãos brasileiros que não acreditavam na existência do novo coronavírus (ROCHA, 2020) e após o desenvolvimento das vacinas, houve massiva disseminação de *fake news* contestando a eficácia das mesmas (MONTEIRO, 2021).

Esta instabilidade advém da falta de eficácia de políticas federais unificadas e alinhadas aos principais órgãos de saúde como a Organização Mundial da Saúde (OMS) para o combate à doença e conscientização da população brasileira. Em muitos momentos, estados e municípios atuaram por conta própria para estabelecer medidas sanitárias de prevenção e tratamento. O próprio presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (sem partido), diminuiu a gravidade da pandemia, nomeando a Covid-19 como uma “gripezinha”, em pronunciamento em rede nacional:

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão (BBC NEWS BRASIL, 2020).

Por muitas vezes, a gravidade da pandemia foi deslegitimada por figuras políticas, lideranças que faltaram em comprometimento com o povo. Nesse sentido, a obra de Boaventura projeta explicitamente todo o percurso enfrentado até aqui pelos grupos subalternizados e a priorização do mercado em detrimento da vida digna. A crise da crise, portanto, está posta e pode vir a se repetir, se o modo de produção atual continuar a minar qualquer possibilidade de um bem viver.

Referências

BBC NEWS BRASIL. 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de ‘gripezinha’, o que nega agora. **BBC News Brasil**, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em 25 nov. 2021.

CARDOSO, A.; PERES, T.B. **A “modernização das relações de trabalho”, a informalidade e a pandemia**. REMIR, 2020. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/remir/index.php/blog/227-a-modernizacao-das-relacoes-de-trabalho-a-informalidade-e-a-pandemia>. Acesso em 25 nov. 2021.

² Até novembro de 2021, o avanço da pandemia da Covid-19 teve avanços e retrocessos, sobretudo por conta do desenvolvimento de vacinas e vacinação em massa das pessoas. Entretanto, a geração de novas cepas variantes ao Sars-Cov-2 é uma condição permanente, causando ondas da doença. Até o momento, identificou-se em média quatro ondas de casos ao redor do globo.

CONASEMS - Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. Protagonismo feminino na saúde: mulheres são a maioria nos serviços e na gestão do SUS. **Informativo Gestão CONASEMS**, 06 mar. 2020. Disponível em: <https://www.conasems.org.br/o-protagonismo-feminino-na-saude-mulheres-sao-a-maioria-nos-servicos-e-na-gestao-do-sus/> Acesso em: 26 nov. 2021.

FRANCO, N.H. R.; MORAES, M. P.F. Um jeito negro de ser e viver: (re) inventando a vida no contexto da pandemia da Covid-19: o que dizem as crianças negras e suas mães. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1229-1254, dez./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/78491/45040>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MEIRELLES, A.; BARBOSA, A. Mulheres são maioria na linha de frente do combate à Covid-19. **CNN Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mulheres-sao-maioria-na-linha-de-frente-do-combate-a-covid-19/>. Acesso em 24 nov. 2021.

MONTEIRO, D. **Conheça 6 'fake news' sobre as vacinas contra a Covid-19**. Informe ENSP, 2021. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51261>. Acesso em 23 nov. 2021.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia da Covid-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 25 nov. 2021.

ROCHA, A. Inacreditável: 4% da população não acredita na existência do coronavírus. **Jornal de Brasília**, 2020. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/noticias/brasil/inacreditavel-4-da-populacao-nao-acredita-na-existencia-do-coronavirus/>. Acesso em 26 nov. 2021.

SANTOS, B.S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SOF - SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Sem parar**: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia, 2020. Disponível em: https://mulheresnapanademia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 25 nov. 2021.

_____. **Sem parar**: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia, 2020. Disponível em: <https://mulheresnapanademia.sof.org.br/> Acesso em: 25 nov. 2021.

Recebido em: 30 de setembro de 2020.

Aceito em: 14 de outubro de 2021.